

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.: 103

Data: 5 de Novembro de 1988

Pg.: _____

Caderno de Sábado

SUPLEMENTO DE PROGRAMAS E LEITURAS DO JORNAL DA TARDE - NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

Lévi-Strauss:

ENTREVISTA

Passaram-se 50 anos, desde que Lévi-Strauss desembarcou no Brasil, país que detonou a sua celebridade. Ao publicar agora *De Perto e de Longe*, ele confessa que se esqueceu de quase tudo. E tenta reviver para o *Caderno de Sábado*, em Paris, sua aventura para contatar indígenas brasileiros.

Por GILLES LAPOUGE

BRASIL FICOU LONGE.

Ele tem a reputação de ser intimidador, glacial, severo e até mesmo triste, desdenhoso ou altivo, desprovido de senso de humor, de um orgulho cujo resultado seria a divisão da espécie humana em dois tipos de gente: de um lado, a totalidade dos homens; do outro, Claude Lévi-Strauss. O que explica o estado de espírito do jornalista ao chegar no 5º andar daquela ruazinha, no sofisticadíssimo 16º "arrondissement" de Paris. E é verdade que se fica um pouco angustiado quando se entra neste apartamento escuro e um homem de oitenta anos vem abrir a porta: um homem elegante, um pouco envelhecido, que lembra os retratos dos grandes intelectuais franceses do século passado, que o deixa sentar-se em silêncio e espera tranquilamente a primeira pergunta, com um leve sorriso.

Depois, à medida que a entrevista avança, esquece-se de tudo isso. O sentimento que vem é de uma confiança cheia de admiração em relação àquele homem. Para começar, é aquela admiração que se pode sentir por uma inteligência em estado de perfeição: todos os seus livros o demonstram. Também o diz o livro de entrevista que acaba de aparecer sob o título *De près et de loin* (De Perto e de Longe — edições Odile Jacob) e no qual Lévi-Strauss, por ocasião de seus oitenta anos, lança sobre sua própria vida o "olhar distanciado" do etnólogo. Eu já havia passado por algo semelhante ao entrevistar, há alguns anos, Raymond Aron: nos dois casos, cada pergunta atrai uma resposta imprecisa, "sob medida", e o entrevistador tem o mesmo prazer que se pode experimentar ao ouvir o ronronar do motor de uma Ferrari, ou o tique-taque de um relógio. Nem uma palavra em excesso. Nem a sombra de um lirismo: Uma clareza branca, quase cegante.

Que Claude Lévi-Strauss é um homem inteligente, percebe-se desde o início. Além disso, desta uma hora de diálogo, retive traços que geralmente não são assinalados: uma "escuta" atenta do outro. Uma cortesia sem máculas. Uma modestia extrema (mas talvez essa modestia escondida uma esperança e eu voltarei a ela, pois fiz-lhe algumas perguntas sobre este ponto). Enfim, o que poucas pessoas sabiam: Lévi-Strauss, cuja obra escrita é soberba mas não apresenta um riso, uma brincadeira, é um homem dotado de ironia, de senso de humor (um humor do tipo Oxford).

E, portanto, o Brasil, uma vez que este país foi o detonador da celebridade de Lévi-Strauss e o germen da totalidade de sua imensa obra. Sim, o Brasil, onde ele desembarca, jovem agregado (grau universitário) de Filosofia, em 1935, graças a Georges Dumas e à Universidade de S. Paulo, criada sob o patrocínio de O Estado de S. Paulo. E, se propomos então a Claude Lévi-Strauss que faça um exercício proustiano, quer dizer, um esforço para se recolocar na pele daquele jovem repentinamente atirado do outro lado do mundo, ele se desculpa educadamente. Como reaver os cheiros, as cores, aquela desordem de formas?

Esqueci-me de tudo, esqueci-me de quase tudo. Veja, eu falei destas sensações e sentimentos, quinze anos depois de minha chegada ao Brasil, em meu livro mais subjetivo, *Tristes tropiques* (Tristes Trópicos), mas passaram-se cinquenta anos e, é verdade, esqueci-me de quase tudo... Enfim, esqueci-me de tudo, exceto do que disse precisamente em *Tristes tropiques*.

(Estranho: Lévi-Strauss não se lembra deste ano de 1935, mas, a rigor, ele pode se lembrar de um livro, *Tristes tropiques*.)

Mas, enfim, eu fui para o Brasil por mero acaso. Poderia ter ido para outro país. Do mundo eu não conhecia nada ou quase nada: Paris e alguns lugares da França, por exemplo a montanha de Cevennes, onde meus pais tinham uma casa. E, de repente, o Brasil. E o Brasil era os Trópicos, com tudo o que esta palavra evoca de poesia, de mistério, de literatura. Além disso, eu trocava a vida de um pequeno professor numa cidadezinha da França por uma cátedra na Universidade, numa das grandes cidades do mundo, São Paulo. Mas, veja você, o mais importante é que eu via a possibilidade de uma grande aventura, quero dizer, tomar contato com uma natureza ignorada (e, sob todos estes aspectos, a natureza nunca deixou de exercer o seu fascínio sobre mim). Ao mesmo tempo, era um salto no tempo: eu tinha a oportunidade de reviver as emoções dos viajantes que, no século dezesseis, pisavam pela primeira vez estas terras. Sim, via-me fraternalmente em relação a este Jean de Léry, que no século XVI participou da epopéia "à ilha para os franceses", na baía do Rio de Janeiro, com Villegaignon.

O senhor evoca frequentemente Jean de Léry. Mas houve Thevet, um

O BRASIL FICOU LONGE.



Bororos. Pouco restou na lembrança.

outro francês no mesmo momento, e que é, como Léry, uma espécie de precursor da etnologia!

Thevet, claro. Thevet era um erudito extraordinário. Mas seus relatos não têm nem a frescura nem o talento literário de Jean de Léry.

O senhor fala do talento literário de Jean de Léry. Mas eu gostaria que o senhor falasse de seu próprio talento literário. Todos os críticos admiram seu estilo: recentemente, houve até um artigo num grande jornal que lançou mais ou menos a seguinte questão: afinal, as teorias de Lévi-Strauss são interessantes, poderosas, mas seriam elas tão impressionantes se não fossem servidas por um estilo de uma beleza cristalina?

Leste artigo: é uma perfídia pretender realçar meu estilo contrapondo-o a meu trabalho teórico.

(Sempre a cortesia, a elegância, mas o sorriso é como uma navalha.)

A isso eu respondo assim: em primeiro lugar, não penso que o julgamento seja exato. É verdade que presto muita atenção a meu estilo, mas esta é uma preocupação recente. Em todo o caso, do segundo período de minha vida. Se eu pego hoje um livro como *Tristes tropiques*, por exemplo, pelo menos na sua primeira edição, vejo que o estilo era frágil, cheio de incorreções. Por que razão? Escrevi *Tristes tropiques* às pressas, em apenas quatro meses, e isto porque tinha a impressão de que não deveria escrevê-lo, que estava cometendo um pecado, que deveria dedicar-me de preferência aos meus trabalhos científicos em vez dessa obra subjetiva, literária. Então, transigi. Escrevi *Tristes tropiques* apressadamente e a primeira edição estava cheia de defeitos dos mais grosseiros. Tomo este exemplo porque *Tristes tropiques* é o meu livro mais literário: basta relê-lo para compreender que não posso me considerar um "estilista".

O senhor é certamente o único a ter esta opinião. Mas tenho alguns argumentos para prová-lo.

O senhor diz que foi sobretudo no segundo período de sua vida que deu maior importância ao estilo: como explica esta preocupação recente?

Uma tomada de consciência: no fundo, o que eu pretendia era, em minha pequena seara, superar a oposição entre o "sensível" e o "inteligível". Conseqüentemente, ainda que eu quisesse exprimir coisas abstratas e difíceis, a maneira concreta de fazê-las era muito importante.

A propósito de Roger Caillois, o senhor o critica por ter, pouco a pouco, ao longo de seus livros, sacrificado aquilo que queria dizer à maneira pela qual o dizia, de se dobrar cada vez mais ao império do estilo.

Quando a mim, em todo o caso, nunca sacrificaria a exatidão de uma proposição à beleza da forma.

Em sua obra, que é científica, o senhor não deixa de fazer referência às diferentes áreas da arte, seja a literatura, a pintura ou a música. Se acrescentarmos que em sua infância o senhor esteve mergulhado num meio de artistas (música e pintura), não podemos deixar de perguntar se o senhor não seria tomado por vezes de uma nostalgia diante dos destinos que talvez pudessem ter sido o seu e que ficaram irrealizados?

Ah, mas claro, tenho inúmeras nostalgias. Não posso ver um belo quadro, ler um grande livro, Conrad ou Dickens ou Proust, ouvir uma bela música, sem nostalgia; como teria gostado de ser capaz de fazer isto!

Existem dois modelos de nostalgia. Um consiste em dizer: "Gostaria de ser capaz de fazer isto". O outro: "Eu era capaz de fazer isto, mas, por obra do destino, um desvio trilhado num dado momento me afastou deste caminho".

Ah, não, absolutamente! O que lhe disse é muito preciso: eu não teria sido capaz de fazer uma coisa ou outra: pintura, música ou literatura. Eu o sei: quando era adolescente, sentia-me capaz de tudo isso. E tentei tudo. Escrevi, pintei, compus. Sim, tentei de tudo, mas tinha bastante espírito crítico para saber que o resultado era insuficiente. Sim, todos estes outros destinos, eu os tentei na adolescência, esbocei-os. Toquei todos os instrumentos de música, desde o violino até o acordeon, e sempre com o mesmo insucesso.

Em seu último livro o senhor diz que, depois do sucesso de *Tristes tropiques*, esperava um pouco, e mesmo desejava, que um grande jornal lhe propusesse fazer reportagens. E sua carreira universitária, como ficaria?

Mas, na época de *Tristes tropiques*, minha carreira universitária estava em xeque e, a meus olhos, ela estava terminada, acabada. Então, efeti-

vamente, se me tivessem proposto fazer reportagens, teria ficado encantado. Mas não me propuseram.

Insisto: quando *Tristes tropiques* apareceu, o sucesso foi fulgurante. Não apenas um sucesso de etnólogo, mas um sucesso de escritor. A academia Goncourt fez saber que lamentava não poder destinar seu prêmio anual a este livro, pela simples razão de que não era um romance. Conseqüentemente, em lugar de sonhar em ser um repórter, o senhor não poderia ter sonhado tornar-se um escritor?

Sim, teria sido tentado, mas sabia que era incapaz, pois me faltam as qualidades elementares do escritor. Não tenho imaginação. Sou incapaz de inventar uma história. Não sou suficientemente atento aos "seres" (esclareço bem, aos "seres", quero dizer aos seres humanos, porque, por outro lado, sou muito atento às coisas), portanto era incapaz de registrar essa quantidade de pequenos traços singulares que dão a um romance o seu conteúdo.

A rigor, ao romance. Mas a literatura não é apenas o romance. Paul Valéry nunca escreveu um romance.

Ah, sim, sim! Acredite, gostaria bem de ter sido capaz de escrever *Les Cahiers de Valéry*, mas não sou um criador, não no sentido de Valéry, não sou capaz de tirar reflexões ou meditações a partir do meu ser somente. Tenho necessidade de uma matéria-prima sobre a qual operar. Só posso pensar a partir desta matéria exterior a mim.

Em seguida, fiz observar a Claude Lévi-Strauss que no seu último livro, *De près et de loin*, causou surpresa o cuidado que ele tomou para estabelecer — como acabou de fazer aqui a propósito do seu estilo ou da literatura — suas inúmeras fraquezas, falhas e imperfeições. Neste livro, Claude Lévi-Strauss explica que não tem imaginação, que sua memória é muito fraca, que não tem nenhum dom para as línguas estrangeiras e que, quanto à ciência, ele nada entende. A alguns críticos, tanta modestia pareceu suspeita. É como se, ao denegrir-se, ele estivesse tentando tornar-se ainda mais misterioso, como se ele estivesse tentando realçar o brilho de seu talento. Lévi-Strauss ri francamente.

Então, não se pode dizer a verdade, reconhecer suas falhas sem que sejam apenas um orgulho dissimulado? A ciência... É verdade que me interesse pela ciência, biologia, geologia entre outras. Mas admita que para levar as ciências um pouco mais longe, a física, por exemplo, é preciso alguma base em matemática. Ora, quando jovem, eu era nulo em matemática. Então? Quanto às línguas estrangeiras, a mesma coisa: sempre tive dificuldades. Até mesmo as línguas antigas, o grego, por exemplo. Você sabe por que não pude entrar para a École Normale Supérieure da rua d'Ulm? Justamente porque era nulo em matemática e em grego. Então, não vou, para parecer modesto, pretender que era superdotado em matemática e em línguas.

Quando ao assunto das línguas estrangeiras, insisto. O senhor diz que nunca falou realmente português. Ora, um homem que, embora lhe enderece algumas críticas, Luís de Castro Faria — hoje antropólogo no Museu Nacional do Rio de Janeiro, e que o acompanhou em sua segunda expedição ao Mato Grosso, na qualidade de inspetor fiscal, quer dizer, encarregado de controlá-lo como etnólogo não-brasileiro — afirma no entanto: "Claude Lévi-Strauss foi um professor francês excepcional quando esteve no Brasil. Por uma única razão: ele falava português com perfeição, quase como um brasileiro".

Lévi-Strauss ri:

Mas como Faria poderia sabê-lo? Ele nunca assistiu a um de meus cursos. Ele estava no Rio e eu em São Paulo. Não, veja você: eu nunca falei o português das cidades pela boa razão de que, em São Paulo, dirigiam-se a mim sempre em francês. É verdade que falei muito bem o português "caipira", na expedição, com os homens do interior. Foi o único português que aprendi.

Aliás, quando em 1985 voltei ao Brasil, quando estava no hotel no Rio de Janeiro, recebi um recado de um homem que participara de minha expedição de antes da Guerra, um homem do interior, sabe. É dele que falo em *Tristes tropiques*, aquele que estracalhou a mão com seu fuzil. Ele me pedia para procurá-lo em Belo Horizonte. Procurei-o e pude constatar que, passados 50 anos, podia ainda manter uma conversa com ele, mas, também desta vez, era o português do interior, não o português das cidades.

E quando Jean Mogue, outro professor francês de São Paulo, diz que se interessa pelas coisas que desaproveem? O senhor concorda?

Eu próprio poderia tê-lo dito; aliás, me parece que o disse.

O senhor também está de acordo com o jovem filósofo francês, André Comte-Sponville, quando ele diz que, sob o etnólogo que o senhor é, podemos encontrar um romântico?

Por que não? Ainda que seja necessário definir a palavra romantismo. De qualquer modo, aceito de boa vontade.

E quando alguns o vêem como uma espécie de budista?

Ah, isto não é absolutamente uma injúria! Entretanto, uma pequena nuance: há anos que vou com muito gosto ao Japão. Essa cultura me apaixonou e devo dizer que fico um pouco assustado pelo aspecto "burocrático" que o budismo pode assumir num país como o Japão (na Coreia não acontece o mesmo, em todo o caso ainda não). Hoje em dia eu me vejo mais dentro dos valores do xintoísmo. Mas, enfim, o budismo é muito belo.

O senhor fica espantado ou aborrecido quando um filósofo como Comte-Sponville o descreve como filósofo? O senhor não escolheu a etnologia exatamente como reação contra a filosofia?

Não conheço Comte-Sponville. Eu o leio e, entre os jovens filósofos, este é, na minha opinião, o mais importante. Mas voltando à filosofia: é verdade que evolui um pouco. Mas, veja, não posso pretender por um lado que a filosofia seja apenas uma reflexão sobre o pensamento científico e, por outro, recusar fazer algumas reflexões sobre meu trabalho, na medida em que este trabalho se inspira no pensamento científico.

E depois, se recusei o rótulo de "filósofo" há uns vinte anos, isso era na época das grandes disputas intelectuais na França entre os filósofos e aquelas pessoas que se haviam agrupado arbitrariamente sob o título de "estruturalistas". Assim, eu dava ao meu pensamento uma certa capacidade de resposta. E dizia, o que permanece verdade, que meu pensamento se constituía como reação contra o pensamento filosófico. Hoje eu ainda o diria, mas na época era mais jovem, mais arrebatado.

Não mundo no qual a uniformização tem a tendência a se estender, com risco de destruir as culturas diferentes, o senhor pensa que a etnologia forma uma espécie de freio para esta universalização das culturas?

(Um gesto um pouco aborrecido, aristocrático, como que indiferente):

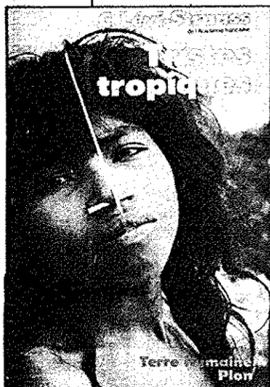
O senhor sabe, se a etnologia é útil ou não, afinal de contas...

O senhor gosta de Proust. Há três anos, em 1985, o senhor voltou ao Brasil...

Em São Paulo, fiquei muito pouco tempo. Ficamos presos num engarrafamento tão gigantesco que não conseguimos nem chegar até a rua onde morei em 1935. Foi um pouco deprimente.

Em seguida partimos à procura dos bororos. Éramos sete pessoas amontoadas num aviãozinho a partir de Brasília. Decolamos de madrugada. Em seguida, descobri-se que o piloto não tinha a menor idéia de onde poderíamos encontrar os bororos e, de qualquer modo, seu avião não podia aterrissar nas pequenas pistas que se encontram perto das suas aldeias. Faltaram-nos de outro lugar onde haveria bororos, mas não encontramos carros, pois estávamos em plena campanha eleitoral e todos os táxis haviam sido requisitados. Enfim, chegamos num pequeno posto e, para mim, era muito emocionante porque estávamos perto do rio Vermelho, que outrora eu subira de proga. Agora, seguíamos por uma estrada asfaltada. Chegamos no local assinalado, mas ali as pessoas nos diziam: "Afinal de contas, o que é que os senhores vieram fazer aqui? O senhor é esperado em outro lugar. Chegaram a lhe preparar uma grande festa indígena e todo o mundo o espera lá".

Procuramos por esta outra aldeia, mas ninguém a localizou. Finalmente, encontramos um velho que conhecia a aldeia em questão e embarcamos todos num novo avião, menor que o anterior. Mas o velho sabia ir lá a pé, talvez pela estrada, mas pelo ar... isto era outra coisa. Enfim, decolamos. Sobrevoamos o Mato Grosso, e é soberbo o Mato Grosso visto do alto. Chegamos sobre a aldeia e reconhecemos a distribuição das casas em círculo, fato típico dos aldeamentos bororos. Havia lá uma pista de aviação, mas o piloto nos disse: "Talvez eu possa aterrissar, mas certamente não poderei decolar". Então, partimos de novo. Vimos outra aldeia, e o piloto fez a mesma reflexão. Neste momento desencadeou-se uma tempestade medonha, uma tempestade como raramente se vê. Minha mulher e eu nunca havíamos estado tão próximos da morte. O avião entrava em massas de nuvens negras. Mas escapamos, e, já noite, dirigimo-nos para Brasília. Não, não revii os bororos. Mas Marcel Proust, à procura do tempo perdido, é também isso... talvez...



O livro "literário" de um etnólogo... Ele o considera "cheio de defeitos".

O senhor evoca frequentemente Jean de Léry. Mas houve Thevet, um